

Reflexões sobre a história pregressa da criança adotada em *Lion: uma jornada para casa*

*Paula Orchiucci Miura
Cristina Generino dos S. Lima Araújo
Alinne Ferreira da Silva*

Introdução

A adoção é um tema que tem levantado interesse da humanidade desde a Antiguidade e tem perdurado no decorrer dos séculos, ganhando novos significados e se reafirmando nos tempos atuais. Inicialmente, expressa Dias (2017), os adotados não adentravam de forma legalizada nas famílias, visto que sua permanência tinha por objetivo ser mão de obra gratuita aos senhores de engenho.

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, e da Declaração dos Direitos da Criança em 1959, as crianças e adolescentes passam a ser considerados sujeitos de direitos, marco este que interfere nas mudanças legais acerca da infância no mundo. No Brasil, a consideração de crianças e adolescentes como sujeitos de direito e em desenvolvimento aconteceu em 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990).

Com relação ao contexto de adoção, na atualidade brasileira, há leis que visam auxiliar a execução da proteção a crianças e/ou adolescentes que vivem esse processo. Esse arcabouço jurídico demanda a necessidade de profissionais e recursos de preparação psicossocial para os adotantes, de modo que seja assegurado o bem-estar integral dos infantes que serão inseridos em famílias substitutas.

Para compreender o processo de adoção de crianças e adolescentes é necessário salientar que suas vivências são singulares e implicadas histórico e culturalmente em seus respectivos contextos. As histórias das crianças adotadas têm sido objeto de estudo em pesquisas acadêmicas (MACHADO, 2014; MACHADO et al., 2019), visando pensar de que modo se dão as narrativas dos protagonistas dos processos de adoção e, a partir disso, serem criados espaços de reflexão sobre práticas profissionais, dos órgãos de proteção social e dos adotantes frente à responsabilidade destes com o desenvolvimento psíquico, emocional e afetivo do sujeito perfilhado. Este trabalho tem como pressuposto que toda história de vida deve ser respeitada, pois, como afirmam Valandro e Baumgarten (2013), assim como as raízes de uma árvore sustentam sua estrutura, a história da criança dá sentido às suas experiências a partir do sentimento de pertencimento a seus antecedentes.

Pensar sobre história de vida, em especial, sobre a história de crianças que vivenciam a adoção, é pensar sobre casos em que esses sujeitos experienciam lembranças de abandono, de miséria e outras violências. Assim, segundo Alvez, Hueb e Scorsolini-Comin (2017), criar espaços para que a criança consiga expressar seu sofrimento e incompreensão sobre sua história, externalizar suas dúvidas, disponibilizar um ambiente que propicie apoio, segurança e confiança, fará com que ela não precise alimentar defesas contra a angústia do não saber sobre a própria história.

Os autores (2017) relatam que, muitos dos sintomas que aparecem nos sujeitos perfilhados são resquícios, principalmente da falta de conhecimento sobre sua história originária, comumente, em contextos familiares em que a adoção é mantida em sigilo, ou que, apesar de revelada, é um assunto proibido. Sobre o desenvolvimento psíquico e emocional da criança/adolescente adotada, Winnicott (2008) pontua acerca da necessidade de a criança ter contato com sua história primitiva, como respostas às suas dúvidas, conforme surjam, a fim de que ela possa assimilar todo o conteúdo e ser acolhida no seu sofrimento, angústias e/ou sentimentos destrutivos.

Schettini et al. (2006) afirmam que o medo do retorno, reapropriação e sentimentos de perda/roubo do filho, por parte dos familiares naturais, podem gerar nos pais adotivos um distanciamento da compreensão da dupla filiação existente. As autoras (2006) entendem que a família biológica precisa perder o significado de fantasma e ter um espaço de visibilidade de modo integrado à experiência adotiva, posto que ao silenciar sobre a história biológica incorre em alimentar zonas secretas no campo subjetivo da pessoa que se adota. Na mesma perspectiva, Winnicott (2008a) assinala que a criança sabe tudo que acontece ao seu redor, entretanto precisa da ajuda de outros para tomar consciência do todo, para que consiga diferenciar o real do imaginado. Nessa perspectiva, assinala que ao contar à criança sobre sua história passada, é possível integrá-la a partes memoráveis e não memoráveis do passado de modo seguro e compreensível.

A psicanálise winnicottiana assevera que um ambiente suficientemente bom é aquele que supre as necessidades do bebê e que isso favorece seu desenvolvimento integrado e proporciona segurança frente às possíveis crises e testagens por parte da criança, além de possibilitar estabilidade emocional e confiança para que ela possa vivenciar sua criatividade, já que, para o autor, é por meio da criatividade que é possível estar e sentir-se vivo (WINNICOTT, 2005a). Ao tratar sobre relações familiares e seus impactos no desenvolvimento, Winnicott (2005a) pontua a existência de *fatores integradores* (aspectos que contribuem para o desenvolvimento saudável nas relações intrafamiliares) e *fatores de desintegração* (capazes de gerar afetação à família, de modo diverso).

Winnicott (2005) em suas vivências profissionais presenciou casos de *carência infantil*, derivados de fatores de desintegração e apontou que essas situações ocasionavam privação – quando o bebê não teve a possibilidade de vivenciar um ambiente suficientemente bom – ou deprivação – quando o bebê ou a criança teve uma experiência suficientemente boa inicialmente, porém por algum motivo deixa de poder vivenciar esse ambiente por um período maior do que aquele que a criança é capaz de mantê-la na lembrança. Por exemplo: situações de morte de um dos pais; separação de pais; mal desempenho da função parental; função paterna exercida por outros parentes; a não existência de um lar.

Assim, Winnicott (2008) ressalta para as situações em que, se um bebê não possa ter seus cuidados dispensados por seus pais biológicos, a melhor decisão a ser tomada é a adoção. Considerando que a tendência inata ao amadurecimento do indivíduo demanda conjunturas para além de cuidados físicos, mas condições em que a criança possa se sentir amada, cuidada e acolhida.

Sobre a origem da adoção, Winnicott (2008a) observou que a história primitiva da criança é importante, posto que os pais biológicos são desconhecidos e inatingíveis para a maioria dos adotados. Portanto, ainda que os adotantes busquem as mais diversas formas de manejar as necessidades da criança e do adolescente, esses não conseguirão atingir os níveis primitivos da relação inicial da infância. Desse modo, Winnicott (2008a) orienta que, quem adota precisa necessariamente estar preparado para assegurar e sustentar o amadurecimento emocional do filho, por meio da acessibilidade à sua história, na medida do possível, e por meio da disponibilidade de um lar estável e contínuo, para que se promova o desenvolvimento da saúde mental, a partir de sentimentos de identificação com a própria história e vivências.

A temática da adoção além de ser estudada e pesquisada na academia também é retratada na arte cinematográfica, a qual pode oferecer materiais para análise, reflexão e aprofundamento do assunto em questão. Como afirmam Oliveira et al. (2019), as produções cinematográficas apresentam contextualizações que retratam diversidades históricas e culturais, com uso da reprodução de demandas cotidianas da sociedade. Assim, para os autores (2019), é por intermédio dessa arte que há a possibilidade de se ampliar o conhecimento do outro e desse outro para com o mundo, de modo que os

sentimentos comuns da vivência social retratada gerem sentimentos pessoais a quem assiste e esse possa modificar sua realidade. Além da possibilidade de levar por meio das imagens e imaginação os espectadores a um dado tempo e lugar retratado na arte cinematográfica.

O filme *Lion: uma jornada para casa* (2016) vai ao encontro da reflexão e discussão pretendida neste trabalho. A película, sob a direção cinematográfica de Garth Davis, apresenta a seguinte sinopse: “Saroo, um menino indiano de apenas cinco anos de idade perde-se do seu irmão numa estação de trem em Khandwa, indo parar em Calcutá, cidade distante da sua. Acaba por morar na rua e passar dificuldades, até ser adotado pelo casal australiano Brierley e indo com eles morar na Tasmânia. Vinte e cinco anos depois, Saroo resolve procurar seus pais biológicos e reencontrar as origens”. O filme é baseado em fatos e retrata uma história que ocorreu na Índia, no ano de 1986.

Diante do exposto, este capítulo teve como objetivo compreender e refletir sobre a história progressa da criança adotada em seu processo de constituição da subjetividade.

Método

Este trabalho utilizou-se da estratégia metodológica de análise cinematográfica com recursos de identificação, descrição e observação de cenas emblemáticas, as quais representam questões psicossociais, culturais e históricas acerca de determinado assunto, permitindo ao pesquisador uma análise de seu objeto de estudo, em suas especificidades temporais e geográficas (OLIVEIRA et al., 2019). Para tanto, foram realizadas as seguintes etapas: a) apreensão criteriosa da obra filmográfica; b) construção de categorias de análise; c) identificação das cenas consideradas emblemáticas, as quais retratam a origem familiar de Saroo, assim como o modo que se deu seu conhecimento acerca da própria história e posterior encontro com a sua família biológica; d) apresentação e descrição dessas cenas, a fim de construir uma linha temporal dos acontecimentos; e e) análise das cenas por meio da psicanálise winnicottiana e referências que tratam sobre a história progressa de sujeitos perfilhados.

Resultados e discussão

O drama filmográfico em estudo retrata a história de Saroo Brierley, junto a sua família biológica (Kamla, Guddu e Shekila) e a adotiva (Sue Brierley, John Brierley e Mantosh, papéis interpretados por Nicole Kidmam, David Wenham e Divian Ladwa, respectivamente). Esta obra é baseada em fatos originados na Índia e remonta a biografia de Saroo, um garoto de cinco anos de origem pobre, que oferece auxílio para seu irmão mais velho (Guddu) em um trabalho que visa ao sustento da família. A mãe biológica de Saroo, Kamla, exercia a atividade braçal de carregar pedras.

Guddu e Saroo chegam em uma estação de trem, perto de onde seu irmão iria trabalhar, na cidade de Khandwa, na Índia. O combinado era que enquanto Guddu trabalhasse, Saroo ficaria dormindo em um banco da estação, até que Guddu voltasse para buscá-lo. Saroo adormeceu, mas ao despertar, não avistou Guddu e saiu a procurá-lo, até adentrar em um trem, por meio do qual viajou sozinho por dias seguidos, chegando a Calcutá, cidade indiana, distante 1.600 km de Khandwa.

Na estação de Calcutá, Saroo buscou ajuda, informando aos adultos e autoridades que morava em “Ganestalay”, uma pronúncia desprovida de sentido mesmo para o cidadão indiano, porém a única forma como Saroo identificava seu lar. Com sua tenra idade e falante da língua indo-ariana hindi, distinto do que era falado em Calcutá, as pessoas não conseguiam compreendê-lo. O pequeno Saroo vivenciou muitas adversidades ao ter que morar na rua e revirar lixo para sobreviver; no entanto, sua busca pareceu terminar quando foi levado a uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes, e um casal australiano o adotou.

Saroo passa a residir na Tasmânia com os pais adotivos que lhe acolheram física e emocionalmente. Aos 25 anos foi para a faculdade de gestão de hotelaria e impulsionado pelos amigos e pela namorada decide retomar a busca por suas origens, montando uma estratégia por meio do *Google Earth*, aplicativo de internet, com mapas e rotas direcionadas a encontrar à famigerada “Ganestalay” da sua infância.

A fim de discutir a história pregressa de Saroo, por meio da proposta de Oliveira et al. (2019), foram selecionadas cenas emblemáticas que auxiliaram na observação dos conteúdos mais significativos relacionados a sua odisseia para casa. Foram elas: **a) As origens de Saroo; b) Em busca da gênese; e c) Retorno à família biológica.**

As origens de Saroo

A primeira parte da obra filmográfica, ocasião em que a infância de Saroo é retratada, recompõe com efeito as primeiras vivências da vida afetiva do menino com sua família biológica até o momento em que se afastou de casa com seu irmão Guddu e perdeu-se na estação de trem, fato que ocasionalmente o levou a Calcutá.

Por intermédio dessas partes do filme foi possível identificar a qualidade das relações familiares que Kamla, mãe da prole, direcionava a seus filhos, assim como a amizade estreita entre Saroo e Guddu.

A família de Saroo foi abandonada pelo genitor da prole, deixando a cargo de sua mãe Kamla a criação dos filhos. Saroo demonstra compreender as necessidades familiares à época ao se prontificar para trabalhar com Guddu, visando contribuir com as necessidades da família.

O menino vive suas primeiras experiências familiares cercado de afeto e proteção, aspectos imprescindíveis para a constituição de sua subjetividade, além disso, é demonstrado nas cenas que sua condição material incerta não o impedia de vivenciar as alegrias, junto a sua família na infância.

Winnicott (2005a) compreende que para que um ambiente possa ser suficientemente bom ao desenvolvimento humano, ele precisa suprir as necessidades da criança e oportunizá-la experiências criativas. Na dinâmica familiar de Saroo, sua família natural demonstrava preocupação com sua infância, oportunizando-o espaços de lazer, amor e cuidado, ainda que as dificuldades financeiras fossem presentes. Aspectos demonstrados pelas cenas em que, o “trabalho” ao qual Saroo desejava realizar, junto a Guddu, é permeado por momentos de brincadeiras e demonstrações de afeto de um para com o outro.

Ressalta-se que Guddu, inicialmente, não queria levar Saroo para o trabalho, no intuito de protegê-lo, mas por insistência de Saroo, acaba aceitando levá-lo.

Observa-se nas cenas a presença muito intensa de relações afetuosas entre os membros da família, demonstrações de cuidado, zelo e aliança que proporcionavam um ambiente seguro e confiável para o protagonista da história. Winnicott salienta que “quando oferecemos segurança, fazemos simultaneamente duas coisas. Por um lado, nossa ajuda livra a criança do inesperado, de um sem-número de intrusões indesejáveis e de um mundo que ainda não é conhecido ou compreendido” (WINNICOTT, 2001, p. 29).

A importância desse ambiente seguro e suficientemente bom oferece as bases essenciais para o processo de amadurecimento do indivíduo. A figura materna adapta-se de forma ativa às necessidades do bebê (WINNICOTT, 2005a). Esse ambiente descrito pelo referido autor preserva o bebê de estímulos intrusivos, os quais ele não teria ainda capacidade de suportar.

Ainda que as vivências iniciais de Saroo tenham sido caracterizadas por uma escassez material, há elementos na obra que reiteram a importância desse ambiente que o sustenta emocionalmente e que lhe oferece condições favoráveis para seu amadurecimento. Alguns deles, por exemplo, aparecem nas cenas em que a família biológica de Saroo oferece-lhe cuidados, proteção e promove brincadeiras.

Em vez desse olhar cuidadoso para as relações afetivas em famílias pobres, observa-se um movimento de culpabilização e padecimento dessas famílias, quando, por exemplo, inúmeras crianças são institucionalizadas devido à condição financeira da família (IPEA, 2003). A partir do ECA (BRASIL, 1990), torna-se proibida qualquer institucionalização de crianças e adolescentes por motivo de pobreza.

Na atualidade, Souza (2018) e Estevan, Baltor e da Silva (2020) observaram que inúmeros rompimentos de vínculos familiares se justificam pela criança “estar em situação de risco”, no entanto verificou-se que essa situação geralmente era atravessada pela pobreza. Diante disso, os autores (SOUZA, 2018; ESTEVAN; BALTOR; DA SILVA, 2020) refletem sobre o processo de

naturalização da família pobre como negligente com intuito de fomentar o processo de institucionalização.

No caso do filme *Lion*, observamos que o afastamento de Saroo de seu lar originário deu-se por um equívoco, quando Guddu, convencido pela insistência de Saroo, parte para uma madrugada de trabalho árduo e este é deixado na estação de trem, momento a partir do qual todo o drama se desenrola.

Em busca da gênese

Em uma reunião com amigos da faculdade, Saroo prova o tão famoso doce de sua infância, *jalebis*, o qual tinha o desejo de experimentar e na infância pedia ao irmão para comprar. Esse momento o faz rememorar suas origens. Na cena Saroo conta sobre sua história de vida aos amigos e influenciado por eles retoma a sua busca com o auxílio de um site localizador, que mostra o planeta Terra em diversas dimensões.

Winnicott (2008a) entende ser extremamente necessário que a pessoa adotada saiba sobre os fatos que envolvem sua adoção, para que a experiência adotiva possibilite a continuidade de seu processo de amadurecimento emocional, a partir da identificação deste com sua própria história de vida.

As cenas que se seguem mostram que mesmo na idade adulta, Saroo relembra ocasiões marcantes de sua infância na saudosa Ganestalay (nome dado por ele a sua cidade natal), quando o drama apresenta *flashes* de memórias afetivas no principal personagem da obra, e o cenário se mostra mais introspectivo. A constante busca e inquietação de Saroo pelas suas raízes é percebida em diversos acontecimentos: rompimento com a namorada; passa muitas horas e noites sem dormir diante do computador, no esquema de rotas disposto em um mural no seu quarto; distancia-se da família e dos amigos.

As lembranças que remontam o cotidiano da infância de Saroo, seja ao carregar pedras com a mãe indiana, seja ao percorrer as ruas de sua cidade natal, seja nas pueris brincadeiras com Guddu, demonstram a presença marcante da história pregressa do menino, personificando o desejo dele de retornar ao lar biológico, lugar onde foram construídas suas primeiras relações afetivas.

De acordo com Winnicott (2001), quando a criança é afastada dessas relações, “[...] o afastamento só se dá em relação à figura externa dos pais. Esse fato constitui como que um cimento da família, pois as figuras reais da mãe e do pai permanecem vivas na realidade psíquica [...]” (p. 81).

Saroo, ainda que tenha aceitado ser adotado pelo casal australiano, carregou lembranças do ambiente suficientemente bom da sua primeira infância permeado por amor e afetos. A busca por sua gênese se deu de modo sigiloso, pois, em sua concepção, a mãe adotiva não aceitaria que ele buscasse a família biológica. Machado et al. (2019) enfatizam que uma das maiores dificuldades acerca do “mito de origem da criança adotada” é o misto de idealização e verdade, haja vista a existência de lacunas na história da criança, demandando dos pais adotivos acolhimento e escuta: contar e recontar sobre as origens dos filhos. Desse modo, de acordo com Weber (1996), comumente os pais revelam a condição de adoção aos filhos; entretanto, é o desejo da criança e a abertura dos pais para conversar sobre isso que viabilizam reviver experiências angustiantes, possibilitando que a criança se sinta pertencente à família e ao ambiente que a cerca. Os filhos por adoção, por meio de um acordo simbólico com seus pais, podem esconder essa necessidade. Existe, como afirma Weber (1996) o medo dos pais adotivos de que o filho volte para a família de origem; e, ao mesmo tempo, os filhos têm medo de falar sobre seus desejos de conhecer a família biológica para não magoar seus pais.

Na obra filmográfica em estudo, Saroo Brierley expressava reminiscências sobre sua infância e questões ainda vagas e incompletas em sua história, mas ao contrário do que o protagonista imaginava sobre as atitudes dos pais adotivos, estes não impediram que suas dúvidas e questões fossem buscadas e respondidas. Para o casal Sue e John Brierley, não havia enigma quanto à origem do seu filho Saroo, tampouco medo em produzir uma narrativa que contemplasse as necessidades do infante.

Destarte, em uma das cenas em conversa com Sue (mãe adotiva), ela afirma que a adoção foi opção do casal e não uma impossibilidade biológica, explicando que a atitude visou ao acolhimento de Saroo e Mantosh (irmão adotivo). A conversa ocorreu após Sue perceber o distanciamento de Saroo, o qual, em momento posterior, compartilhou com ela sua incansável busca, ratificando o quanto esse encontro com sua origem biológica significava para ele. Na ocasião,

afirma que sempre desejou falar sobre isso, mas acreditava que Sue não entenderia essa necessidade. No entanto, Sue acolhe o desejo de Saroo, abraçando-o e desejando que ele encontre sua mãe biológica, para que ela possa vê-lo. Winnicott (2008a) orienta que, quem adota precisa necessariamente estar preparado para assegurar e sustentar o amadurecimento emocional do filho, mediante acessibilidade dele a sua história de origem.

Observamos que Saroo pôde ser acolhido pelos pais adotivos em seu desejo pela busca da família biológica, porém, de acordo com Machado et al. (2019), não é fácil para os pais adotivos terem que lidar com as questões advindas da dupla filiação. Segundo Machado (2014), em sua pesquisa, os pais adotivos temem ter contato com a história inicial dos filhos tendo em vista a existência da fantasia de deslealdade, rejeição, abandono e retorno ao lar biológico, por parte dos adotados. De acordo com a autora (2014), o sentimento de impotência frente ao acesso a essa história pode ter como consequência o apagamento da história inicial da criança, prejudicando os processos de constituição psíquica do adotado.

Diante disso, Albuquerque (2016) enfatiza que o primeiro passo a ser dado seja pensar a história originária da pessoa adotada como essencial a todo o processo de adoção, de modo que se preze por não negligenciar esse conteúdo. Nessa perspectiva, Dantas e Ferreira (2015) assinalam que os adotantes precisam praticar a renúncia a si mesmo visando ao cuidado para com a criança, escuta e compreensão de suas angústias, proporcionando espaços para o diálogo expressivo, sincero e sólido, seja sobre dificuldades, inseguranças, quanto sobre a história de vida de quem se adota.

Retorno à família biológica

Ao encontrar sua cidade natal no mapa, Saroo percebe que sempre pronunciou errado o nome. Depara-se com a nomenclatura real *Ganeshe Talai* e não com a pronúncia *Ganestalay*. Sabendo disso, o jovem decide viajar até a cidade indiana de Khandwa.

Saroo percorre grande distância para retornar ao seu lar de origem, mas ao chegar encontra sua casa abandonada. Solicita informações nos arredores sobre sua mãe Kamla e recebe a notícia de que ela ainda faz parte daquela comunidade na esperança de que um dia ele voltasse, mas reside em outra casa.

O reencontro com sua família é emocionante, coroado com abraços e demonstrações do afeto nunca perdido. Na ocasião, ele descobre que Guddu faleceu ainda jovem e é reapresentado à Shekila (sua irmã mais nova). As pessoas da vizinhança se aglomeram em torno da família e a ovacionam. Essas cenas trazem à tona o clímax do drama, as expectativas de Saroo e a alegria do reencontro.

Após esse momento, o então jovem Saroo, comunica-se com sua mãe adotiva e a informa que suas expectativas e dúvidas acerca de sua família biológica foram atendidas, ao mesmo tempo que agradece por todo carinho, cuidado e amor dispensado a ele.

No final do filme, são passadas imagens da real história, com fotos da infância e da família adotiva de Saroo, assim como o encontro entre as duas mães, permeado de abraços e beijos de Kamla (mãe biológica) e Sue (mãe adotiva), como forma de agradecimento pelos cuidados dispensados a Saroo, tanto no início de sua vida quanto no decorrer dela.

Finamori e Silva (2019) discutem que o imaginário social de família nuclear como único modelo familiar e mais adequado é um dos motivadores para que a família biológica e família adotiva comumente não se unam. No entanto, pais que se permitem compreender a adoção como mais um modo de constituição familiar, por meio da validação da existência de uma família de origem, possibilita aos seus filhos a experiência de ter, conhecer e amar a mais de uma mãe e um pai.

Vale frisar que todos os momentos relacionados ao movimento de Saroo em busca de suas origens foram incentivados e acolhidos por seus pais adotivos. Essa atitude foi fundamental no processo de amadurecimento do protagonista. Sua família adotiva foi suficientemente boa ao estar disponível emocionalmente e ao atender às suas necessidades física, afetiva e emocional.

O filme conduz uma ideia interessante de parentalidade adotiva na figura do casal Sue e John. Ambos são evidenciados pelo produtor do drama, no relato dessa história verídica, como pais que encontraram um caminho satisfatório e fecundo para a construção da filiação, quando a adoção para eles mesmo antes de sua concretização, já significava um objetivo de vida, uma escolha. A forma como a adoção foi vivenciada pelos pais de Saroo, pode ter facilitado a compreensão de Sue acerca do desejo do filho em reencontrar o primeiro colo materno. Não menos, Sue apresentava-se segura diante do desejo expresso pelo filho; segurança esta possivelmente permeada pela existência de um afeto constituído e consolidado entre mãe e filho por adoção. Machado, Feres-Carneiro e Magalhães (2015) expressam que a contemporaneidade traz outros tipos de famílias, elevando a valorização dos laços afetivos na construção da parentalidade e para Sue isso era o suficiente.

Considerações finais

Por meio deste trabalho foi possível compreender e refletir sobre a história pregressa da criança adotada em seu processo de constituição da subjetividade, por meio do filme *Lion: uma jornada para casa*. Observou-se que as primeiras experiências familiares afetivas imprimem marcas significativas na constituição da subjetividade do indivíduo, percebidas no desenvolvimento de toda obra e personificada na biografia de Saroo.

Percebeu-se também o contexto do próprio cotidiano da infância de Saroo, menino pobre, que vivencia a escassez na satisfação de suas necessidades materiais, mas não é impedido de encontrar acolhimento e laços de afeto congruentes com suas necessidades psíquicas. O ambiente suficientemente bom, possibilitado no início da vida do protagonista, foi fundamental para seu processo de amadurecimento emocional.

Reflete-se ainda sobre o alicerce emocional constituído na primeira infância do menino e que culmina no seu incessante desejo de retornar ao primeiro colo materno, ainda que distanciado por longos 25 anos. Ademais, constatou-se neste trabalho a qualidade das relações de Saroo com a família adotiva,

ambiente que também lhe proporcionou segurança e os cuidados indispensáveis à continuidade de ser.

Referências

- ALBUQUERQUE, C. M. M. de. *O processo de filiação de crianças maiores aos pais adotivos*. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE, 2016.
- ALVES, J. K. de; HUEB, M. F. D.; SCORSOLINI-COMIN, F. Desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo: revisão integrativa da literatura. *Contextos clínicos*, São Leopoldo-RS, v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v10n2/v10n2a12.pdf>. Acesso em: 27 maio 2020.
- BRASIL. Lei 8.069. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 13 de julho de 1990. Casa Civil, Brasília-DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 27 maio 2020.
- DANTAS, F. S. S.; FERREIRA, S. P. A. Adoção tardia: produção de sentidos acerca da paternagem e filiação em uma família homoafetiva. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto-SP, v. 23, n. 3, 2015. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300006. Acesso em: 13 abr. 2019.
- DIAS, F. C. de S. C. *A adoção de crianças maiores e a construção do vínculo familiar*. 2017. 142 f.. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia-MG, 2017.
- ESTEVAN, C. M.; BALTOR, L. V.; DA SILVA, R. B. Serviços de acolhimento institucional infanto-juvenil: desafios históricos e possibilidades de atuação do psicólogo. *Revista Mosaico*, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/download/2274/1369/>. Acesso em: 11 out. 2020.
- FINAMORI, S.; SILVA, A. B. M. da. Identidade e pertencimento: Grupos de apoio à adoção e direito às origens. *Revista Sexualidade, Saúde e Sociedade*,

- Rio de Janeiro-RJ, n. 33, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872019000300295&script=sci_arttext. Acesso em: 26 jun. 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Levantamento nacional de abrigos para crianças e adolescentes. 2003. Brasília: Autor. Disponível em: <http://portaldovoluntario.v02v.net/documents/0000/0189/109726162757.pdf>. Acesso em: 01 out. 2010.
- MACHADO, Rebeca Nonato. *Parentalidade e filiação adotivas: o que revelam e o que ocultam as narrativas dos pais*. 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2014.
- MACHADO, R. N.; FERES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. *Parentalidade adotiva: contextualizando a escolha*. *Psico*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.19862>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- MACHADO, R. N.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A.; MELLO, R. O mito de origem em famílias adotivas. *Psicol. USP*, São Paulo-SP, v. 30, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642019000100202&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jul. 2020.
- OLIVEIRA, A. A. S.; FERNANDES, D. C.; SARMENTO, M.; NASCIMENTO, M. G.; PEREIRA, M. B.; MENEZES, S. K. O. As infâncias e crianças na filmografia de dramas. In: *Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa*, Ata: Investigação Qualitativa em Educação, v. 1, 2019. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2082>. Acesso em: 27 maio 2020.
- PEITER, C. Resenha do livro: adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva. *Jornal de psicanálise*, São Paulo – SP, v. 45, n. 82, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000100018. Acesso em: 20 jul. 2020.
- SCHETTINI, S. S. M.; AMAZONAS, M. C. L. de Almeida; DIAS, C. M. S. B. Famílias adotivas: Identidade e diferença. *Revista Psicologia em Estudo*,

Maringá-PR, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a06.pdf. Acesso em: 27 maio 2020.

SOUZA, M. M. B. da P. *Pobreza e acolhimento institucional de crianças e adolescentes na cidade de Belém*. 2018. 66 f. Dissertação. (Mestrado em Segurança Pública). Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2018.

VALANDRO, E.; BAUMKARTEN, S. T. Filhos/as adotivos/as, quando relevar este segredo. *Revista Percursos*, Florianópolis-SC, v. 14, n. 27, 2013. Disponível em: www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/download/.../3019. Acesso em: 27 maio 2020.

WEBER, L. N. D. Famílias adotivas e mitos sobre o laço de sangue. *Jornal Contato*. Curitiba-PR, n. 79, 1996. Disponível em: http://www.nac.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/07/1996_Familias_adotivas_e_mitos_sob_relacoes_de_sangue.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

WINNICOTT, D. W. Duas crianças adotadas. In: WINNICOTT, D. W. *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 115-125.

WINNICOTT, D. W. A adolescência de crianças adotadas. In: WINNICOTT, D. W. *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2008a, p. 131-142.

WINNICOTT, D. W. Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela vida familiar. In: WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 193-212.

WINNICOTT, D. W. Fatores de integração e desintegração da vida familiar. In: WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005a, p. 59-72.

WINNICOTT, D.W. *A família e o desenvolvimento individual*. 4. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001. 248 p.